

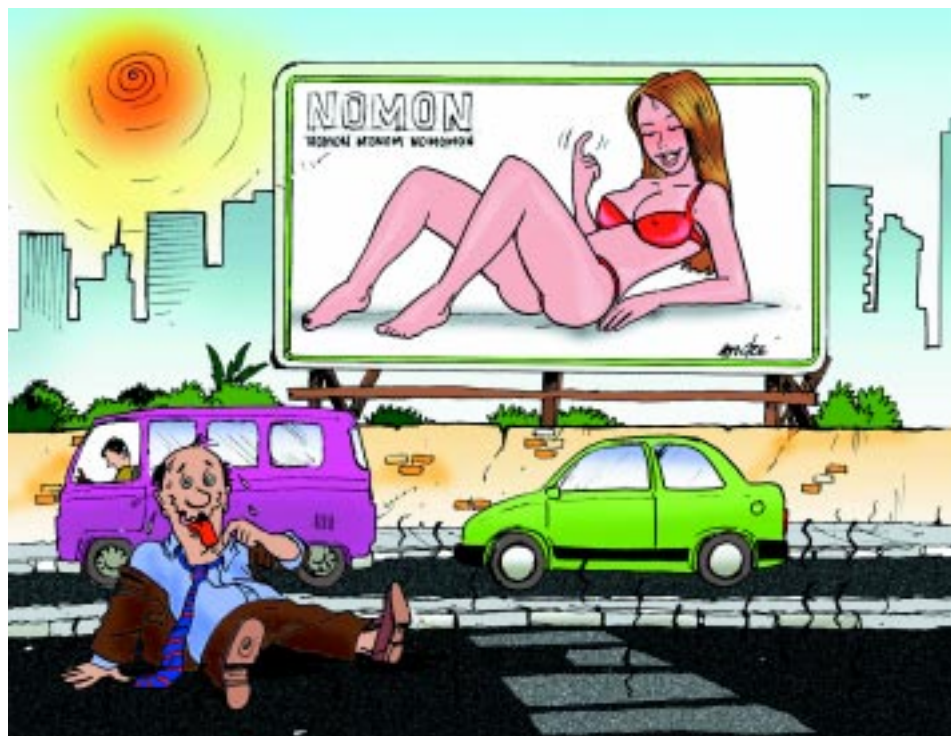


O Outdoor

Final de tarde quente, abafado. A cidade inteira é um grande congestionamento. Ele está no seu terceiro engarrafamento de hoje. Foi uma hora e pouquinho para chegar no escritório de manhã, cinquenta minutos até o prédio do cliente à tarde, e agora, terminada a reunião, já são outros sessenta minutos - e contando - para voltar ao escritório. Ele tem que passar lá antes de poder ir para casa. Melhor nem pensar no tanto de trânsito que ainda tem pela frente.

Se pelo menos o carro tivesse ar condicionado. Mas não, tem só aquele arzinho vagabundo que traz o bafo do motor. Além de esquentar mais, empestia o carro com o mau cheiro de fora. Impressionante como a cidade fica fedida em dias assim. O ar fica carregado demais com esgoto, emissões dos escapamentos e má programação das FMs. Não tem uma que preste. Ele não agüenta mais os seus CDs também. Tanto foi forçado a ouvi-los que acabou enjoando deles. Mas tem que admitir que os disquinhos são duros na queda. Eles esquentam bastante com o calor, é verdade, mas não perdem a postura. O som continua cristalino, e, por mais quentes que estejam, nunca derretem. Ao contrário dele. A camisa já se tornou parte do seu corpo, e as calças ameaçam seguir o mesmo caminho. Apesar disso, se recusa a tirar o paletó e a gravata. Seria como se render, capitular diante do trânsito.

O jeito é tentar distrair a cabeça. A paisagem é feia, mas interessante. O ar está tão quente que não deixa o mundo ficar parado. A ponte, os prédios, os outros carros, tudo dança diante dele. A única coisa que permanece firme é a moça de atributos refrescantes no outdoor. Ele teve sorte de ficar parado na frente desse anúncio. Pelo menos foi o que um marromzinho deu a entender. O funcionário da CET, aliás, o assustou. Se tivesse visto a figura surgindo no meio da miragem va-



cilante de cidade, com certeza não teria tomado o belo susto que levou. Mas não estava prestando atenção, então só deu por ele quando ouviu as batidas na janela.

— O senhor se importa se eu ficar uns minutinhos no banco do passageiro?

— Não.

O marromzinho agradeceu a hospitalidade e se instalou. Por um instante, o constrangimento carregou ainda mais o ar.

— O senhor pode ficar tranqüilo. Não é nada, não.

— Não, sem problemas. Estou super tranqüilo.

— Sei que é meio estranho, mas de onde o nosso caminhão está estacionado não dá para ver a moça do outdoor.

— Sei.

— É.

— Ih, enfrente isso todos os dias. Já acostumei com o calor.

— Sei.

— ...

— ...

— Mulherão, não é?

— Nem fala. Além de bonita é gente fina.

— Sério? Você conhece?

— Claro. Já te falei, estou aqui todo dia. Eu não ia ficar esse tempo todo só olhando, né? Tinha obrigação de tentar alguma coisa.

— Realmente. Não ia fazer sentido ficar só vendo, mesmo.

— É o que eu acho. E no fim foi tranqüilo, sabia?

— Fácil, é?

— Ahã. Só tive que puxar papo. Pena que não deu em nada.

— Mesmo? Por quê?

— Qualquer hora você descobre.

— Sei.

Os dois ficaram olhando a mocinha em silêncio, até que o motorista viu um ambulante vendendo bebidas geladas. Chamou o homem. Quando se aproximou, recebeu-o elogiando a providencial aparição e pediu uma água. Rapidamente deu-se conta do deslize e perguntou ao seu passageiro se ele aceitava alguma coisa. Aceitava, então pediu